

A INSERÇÃO DO XADREZ NO CAMPO ESPORTIVO E A LÓGICA MERCANTIL DA OFERTA ENXADRÍSTICA EM 1972

Wanderley Marchi Júnior
Doutor em Educação Física
Universidade Federal do Paraná

Juliano de Souza
Mestrando em Educação Física da UFPR
Universidade Federal do Paraná

Fernando Augusto Starepravo
Doutorando em Educação Física da UFPR
Universidade Federal do Paraná

Resumo

A final do campeonato mundial de xadrez de 1972, realizada no contexto da Guerra Fria, foi bastante divulgada pela imprensa mundial e ficou conhecida como “match do século”. Para fundamentar as proposições sugeridas neste artigo nos ativemos ao corpo de informações condensadas nas literaturas do xadrez, nas fontes jornalísticas e nos referenciais sociológicos de Pierre Bourdieu e Norbert Elias. Nosso objetivo consiste em apresentar, à luz de uma abordagem histórico-sociológica, algumas características do processo de inserção do xadrez no campo esportivo, para em seguida entendermos alguns dos contornos mercantis da oferta dessa prática no interior do referido campo em 1972.

Palavras-chave: campeonato mundial de 1972, oferta, xadrez, lógica mercantil.

Abstract

The end of the world-wide championship of chess of 1972, carried out in the context of the Cold War, was spread enough by the world-wide press and it was known how “match of the century”. To substantiate the propositions suggested in this article we kept to the body of information’s condensed in the literatures of the chess, in the journalistic fountains and in the sociological referential systems of Pierre Bourdieu and Norbert Elias Our objective consists in presenting by the light of an approach sociological-historically, some characteristics of the process of insertion of the chess in the sporting field, in order that next we understand some of the mercantile outlines of the offer of this practice inside the above-mentioned field in 1972.

Keywords: world-wide championship of 1972, offers, chess, mercantile logic.

Introdução

Os eventos de competição esportiva, realizados e disputados no âmbito global, emergem como importantes indicadores sociológicos do estado de desenvolvimento e

negociação daquelas práticas que, ao longo dos anos, vem sendo reconhecidas e legitimadas no interior de nossa sociedade sob o rótulo de esportes. Antes de justificarmos a assertiva, convém esclarecer que por eventos esportivos protagonizados em escala global, entendemos a conjuntura evidenciada pelos campeonatos mundiais das mais diferenciadas modalidades esportivas, tenham essas o lucro distintivo de “esportes olímpicos” ou não; sejam elas encabeçadas por confederações esportivas de destaque ou de menor expressão; apresentem essas práticas uma clientela representativa ou que viva no anonimato; tenham elas uma repercussão considerável nos meios de comunicação de massa ou atinjam apenas uma população restrita por intermédio de veículos de informação mais restritos ainda; enfim sejam esportes destinados às elites ou então acessíveis aos grupos sociais na posse de um menor capital econômico.¹

Ao nos atentarmos para a conjuntura que se cria em torno desses campeonatos, assim como para as lutas entre classes e frações de classes manifestas em sua lógica interna de funcionamento, evitamos encará-los como um fim em si mesmo, ou seja, enquanto eventos de caráter fragmentário e descontextualizado dos demais setores da vida social. Além disso, por esse viés conjuntural podemos perceber com maior nitidez o entrelaçamento entre agentes e instituições no sentido de possibilitar a estruturação dos referidos campeonatos e viabilizar sua oferta enquanto um ramo do *show business* na sociedade. Dessa forma, os campeonatos mundiais surgem como uma categoria passível de análise sociológica, pois o microcosmo que eles constituem além de absorver as características da estrutura social e, ao mesmo tempo (re) traduzi-las, dissemina disposições a serem seguidas e orienta os estilos de vida dos agentes.

¹ Essas tensões que aqui sugerimos parecem ser suficientes para demonstrar que os campeonatos mundiais se tratam de eventos definidos na especificidade de cada prática esportiva, surf, golfe, orientação, voleibol, automobilismo, xadrez etc., e, é claro, no espaço das posições sociais que se apresentam nas referidas práticas. Portanto, ao inferirmos a possibilidade de inventariar os campeonatos mundiais como uma categoria de análise sociológica, percebemos que os limites dos usos sociais conferidos aos mesmos são estruturados pelas propriedades intrínsecas a determinada modalidade esportiva e, ao mesmo tempo, pelo sentido dominante que os agentes e instituições alocadas em posições privilegiadas no campo esportivo imprimem aos mais diferenciados esportes.

Os campeonatos mundiais dos mais distintos esportes se caracterizam, a nosso ver, como uma propriedade histórica do campo esportivo², embora não exclusivamente, pois tais eventos são re-apropriados e re-significados pelo trabalho de agentes dos demais campos sociais. Um exemplo pode ser vislumbrado quando notamos a inserção da mídia nos eventos esportivos, com o intuito de suprir um mercado de consumo de bens e serviços de entretenimento que ela própria contribuiu para que se instaurasse nas cadeias sociais. Isso nos remete a prerrogativa bourdiana de que um campo não se fecha inteiramente a outro, ou ainda, de que os campos possuem uma natureza relativamente autônoma, o que, conseqüentemente, implica em uma relativa dependência das forças externas e de campos paralelos.

Quanto à possibilidade de se recuperar os campeonatos mundiais enquanto uma categoria de acesso à história das modalidades esportivas, se faz pertinente lembrarmos que esses eventos abrem espaço singular para produção de um precioso material empírico a ser posteriormente utilizado pelos pesquisadores. Nesse sentido, a gama de informações relacionadas a esses campeonatos e que circulam com uma freqüência considerável na mídia impressa e televisionada surgem como fontes avaliativas dos processos engendrados na trajetória histórica das mais diversas modalidades esportivas. Devemos frisar ainda, que o contexto gerado em torno desses campeonatos incita a produção de uma literatura esportiva bastante rica em impressões pessoais e, a nosso ver, indicativas do estado da difusão e arraigamento de determinadas práticas esportivas em nossa sociedade.

Com relação à importância dos grandes eventos esportivos serem submetidos aos modelos de análise sociológica, temos a dizer que tal iniciativa é imprescindível para que

² O campo esportivo é um dos espaços sociais que receberam o trato analítico na produção sociológica de Pierre Bourdieu. De acordo com o historiador Ademir Gebara (1995) os textos “Como é possível ser Esportivo?” (1983) e “Programa para uma Sociologia do Esporte” (1990), de autoria do referido sociólogo, fundamentam uma perspectiva de abordagem para o esporte moderno. Sucintamente falando, o campo esportivo é produto da história das práticas esportivas e sociais que o constituem e das disposições que nele se privilegiam. Além disso, um campo esportivo, como qualquer outro, é um espaço estruturado onde há dominantes e dominados que disputam o capital específico em jogo e buscam conservar a estrutura ou transformá-la. Mais um ponto a ser lembrado é que o campo esportivo desenvolve uma *doxa* e um *nomos* que lhe são pertinentes, ou seja, um senso comum que atribui lógica ao campo e um conjunto de leis invariantes que regulamentam as ações dos agentes.

possamos estudar com maior critério os contornos que o esporte assume quando é consumido passivamente pelos agentes ou então praticado no interior das escolas, clubes, academias esportivas etc.³ E isso pelo fato de que o esporte conforme apresentado nos grandes eventos esportivos, isto é, na forma profissional, performática e espetacular, tende a se impor como concepção dominante nas demais esferas e momentos da vida social. Dizendo de outro modo, para melhor entendermos as disposições esportivas no contexto dos consumidores é necessário termos em mente as disposições esportivas vigentes no espaço dos produtores, já que, conforme nos garante Bourdieu, existe uma correspondência entre a oferta e a demanda esportiva, onde “o espaço dos produtores (isto é, o campo dos agentes e instituições que contribuem para a transformação da oferta) tende a reproduzir, em suas divisões o espaço dos consumidores”. (Bourdieu 1983: 152)

Ao seguirmos essa lógica de análise, procuramos apresentar neste artigo algumas características norteadoras do processo de inserção do xadrez no campo esportivo, o que, a nosso ver, se trata de uma etapa preparatória para então podermos compreender devidamente alguns dos contornos mercantis da oferta enxadrística durante o “*match* do século” em 1972. Para dar encaminhamento a tal proposta, nos fundamentamos no modelo de análise sociológica dos campos de Pierre Bourdieu; em alguns *insights* da sociologia elisiana; em estudos científicos sobre a história do enxadrismo; nas fontes jornalísticas e nas literaturas específicas do xadrez. Sobre o material empírico aqui resgatado, convém lembrarmos que ele além de nos indicar as dimensões da oferta dessa prática esportiva em 1972, ajudar-nos-á a superar a tensão micro-macro da qual tanto Eric Dunning quanto Stephen Mennel, em

³ A partir de Bourdieu (1983), podemos entender por demanda da prática de esportes o ato dos agentes estarem jogando voleibol, lutando boxe ou, por sua vez, disputando uma partida de xadrez, dentre outras possibilidades. Já o consumo esportivo passivo, se evidencia quando os agentes estão acompanhando uma partida de futebol pela TV, ou compram uma camiseta do time que torcem, ou ainda, quando crianças e adolescentes passam a se comportar de acordo com os estereótipos e padrões disseminados através da transmissão de espetáculos esportivos na mídia, e que incitam modos de vestir, de falar, de se alimentar, de escolher redes de sociabilidade, convivência etc.

entrevista concedida ao historiador Ademir Gebara, compactuam que só pode ser resolvida no plano empírico (Gebara 2006: 45-56), mais especificamente, através de uma investigação empírica teoricamente direcionada, igualmente fizera Norbert Elias em “O processo civilizador”.⁴

Breves apontamentos sobre a história do xadrez e sua inserção no campo esportivo

No texto “Programa para uma Sociologia do Esporte”, Bourdieu nos apresenta um quadro teórico-metodológico de bastante consistência para estudarmos a estruturação do campo esportivo. Nesse sentido, um primeiro aspecto sugerido pelo sociólogo que nos chama atenção, diz respeito ao fato de que um pesquisador não podendo estudar o espaço das práticas esportivas como um todo, deveria recortar um sub-espaço dentro desse espaço, isto é, delimitar um sub-campo a fim de desenvolver sua respectiva análise. Um segundo ponto essencial consiste em relacionar esse sub-campo evidenciado aos demais sub-espacos que constituem o campo esportivo, para então reconhecer a posição que ele ocupa na referida estrutura. Por fim, e instaurando uma dialética entre estruturas microssociológicas e macrossociológicas, outro aspecto metodológico de singular importância seria identificar o espaço das posições sociais manifestos nos sub-campos e no campo esportivo em sua totalidade.

Para levar a diante tal empreendimento, Bourdieu reconhece antecipadamente o campo esportivo como um lugar condicionante e condicionado pela história social das práticas

⁴ Para um embasamento mais aprofundado, ver: ELIAS, N. 1994a. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar. Nessa obra, Elias apresenta um minucioso trabalho de interpretação da sociedade cortês no que concerne à transição dos hábitos durante a Renascença. Segundo o sociólogo, os mais diversos padrões de comportamentos humanos presentes naquela sociedade estavam sendo modificados numa direção muito específica marcada pelo aumento dos níveis de autocontrole, sensibilidade e repugnância. A fim de avaliar essas mudanças, Elias se valeu de um rigoroso trabalho de investigação nos manuais de condutas escritos sobre a sociedade cortês. Dentre esse material empírico utilizado, se encontra o tratado de Erasmo de Roterdã, intitulado “Da civilidade pueril”. Para Elias esse tratado funcionara como um importante indicador sociológico para construção de suas teses. Isso por que: “Nele praticamente reaparecem todas as regras da sociedade cortês. (...) Este tratado é, na verdade, uma coletânea de observações feitas na vida e na sociedade” (Elias 1994a: 83).

esportivas. Esse argumento se encontra desenvolvido com bastante clareza no texto “Como é possível ser Esportivo?”, quando então o sociólogo introduz uma série de questionamentos sobre as origens do fenômeno social que aceitamos como “esporte moderno” e, mais especificamente, sobre o momento histórico em que as práticas esportivas com seus agentes, organismos e instituições mantenedoras passaram a funcionar como um campo específico. De outro modo, e nas palavras do próprio Bourdieu, o objetivo de uma teoria social do esporte seria saber: “como se constituiu este espaço de jogo, com sua lógica própria, este lugar com práticas sociais inteiramente particulares, que foram definidas no curso de uma história própria e que só podem ser compreendidas a partir desta história (...)?” (Bourdieu 1983: 138).

Essa preocupação de Bourdieu com a historicidade do campo esportivo – esse espaço trabalhado pelas contingências históricas – deve ser compreendida, a nosso ver, relacionalmente a trajetória imprimida em seu pensamento sociológico no findar dos anos 1970. Nesse propósito, José Sérgio Leite Lopes em debate com o historiador francês Roger Chartier, faz questão de frisar que as obras produzidas por Bourdieu a partir de 1980 evidenciam um maior compromisso dele com a temática da história. (Chartier 2002: 157). Na mesma ocasião, esse pensador francês atribui uma lógica explicativa para a crescente recorrência histórica nas análises de Bourdieu, principalmente no que tange às contínuas lapidações de conceitos como campo ou *habitus* segundo um viés de historicidade. De acordo com Chartier, isso se explica ao considerarmos a própria história de vida de Pierre Bourdieu, sua relação com a disciplina histórica e sua interlocução com os historiadores. (Idem)

Dadas as características historicizantes desse referencial teórico bourdiano e sua compatibilidade para pensarmos as estratégias de mercantilização e espetacularização que determinadas modalidades esportivas são expostas, foi possível identificar uma “matriz

teórica consistente”⁵ para analisarmos sociologicamente a estruturação da oferta e demanda da prática enxadrística no interior do campo esportivo. Contudo, não podemos esquecer que anexo a esse objetivo traçado segue o propósito de compreensão da história extremamente peculiar do xadrez tanto no que concerne a sua afirmação como uma prática social repleta de significados quanto a sua pré-história no campo esportivo e subsequente cristalização. Isso quer dizer que não somente o campo esportivo é produto de uma história relativamente particular, mas os próprios sub-campos esportivos possuem uma história específica, definida por lutas e objetos historicamente situados, empiricamente evidenciados e pertinentes a trajetória seguida por seus representantes no interior do campo em questão.

O xadrez enquanto prática social de múltiplos significados, incumbida das mais diversificadas funções, certamente remonta e constitui uma história milenar, a qual, segundo nosso ponto de vista, só pode ser examinada declaradamente em termos esportivos a partir do final do século XIX. Todavia, isso não significa que a história da prática enxadrística anterior ao referido século não possa contribuir para entendermos os contornos esportivizados, ou então, os próprios usos esportivos que os agentes e instituições remetiam a essa prática a partir de 1900. Para tal encaminhamento, entretanto, é necessário pensarmos, conjuntamente com Norbert Elias, em processos sociais constituídos no longo prazo, não obedecendo a uma linha reta e não apresentando um caráter planejado, mas que nem por isso foram postos em movimento sem o auxílio de um tipo específico de ordem. (Elias 1994b: 193-195).

Portanto, e amparados nessa perspectiva eliasiana, pudemos identificar a história do xadrez engendrando um longo processo civilizador e, não obstante, refletindo a ordem social vigente tanto nas civilizações onde se originou quanto nas que posteriormente a prática foi

⁵ Em “Como é possível ser esportivo e sociológico?” (2006), Marchi Júnior nos alerta, dentre outras preocupações suscitadas em seu texto, sobre a importância de delimitarmos determinada postura teórica solidificada no âmbito das Ciências Humanas para estudarmos o fenômeno esportivo. Segundo o autor (2006: 160), muitos levantamentos de dados a respeito do contexto esportivo vêm sendo apresentados, sem, contudo, respeitarem a uma matriz teórica de consistência, o que seriamente compromete a natureza desses estudos que resultam em monografias, dissertações, teses e produções para periódicos e congressos científicos.

difundida. Sem entrar no mérito das inúmeras teorias construídas em torno da origem do xadrez, ⁶ podemos visualizar claramente o jogo, em boa parte das versões históricas fornecidas, sendo conformado em função das características estruturais de cada uma das sociedades que a prática se instaurava.

Nesse propósito, podemos lembrar que a chaturanga foi organizada a partir da figura do exército indiano (composto por infantaria, carros, cavalaria, elefantes), e embora a data para o ocorrido não possa ser fixada com precisão, essa provavelmente não pode ser anterior à organização do exército sobre o qual o jogo se baseia. (Murray 1913). Outro exemplo interessante se estabelece na medida em que percebemos que a identidade do xadrez ao chegar a Europa medieval foi alterada com o propósito de adequar o jogo a estrutura da monarquia européia. (Mark 2007: 154). Notemos ainda, que o movimento das peças também foi alvo de mudanças no final do século XV, quando, por exemplo, os bispos (representantes da igreja católica) ganharam maior mobilidade (Calvo 1998) juntamente com a nova rainha poderosa que emergira como figura de destaque na sociedade européia. (Westerveld 1994).

Uma outra conclusão que podemos inferir dessa história milenar da prática enxadrística é a importância que gradativamente vem sendo atribuída ao jogo e, de uma forma mais ampla, aos demais jogos e atividades de lazer nessas sociedades. Porém, este não tem sido o enfoque principal dos estudos que se propõem a resgatar a história do xadrez enquanto escopo de análise. Inclusive, convém lembrarmos que a viabilização desses estudos vem sendo concentrada especificamente no campo científico europeu, ⁷ evidenciando a carência de

⁶ Uma discussão mais acurada sobre o tema se encontra em: MARK, M. 2007. The beginning of chess. *Ancient Board Games in Perspective*, London, British Museum Press, pp. 138-157, April. Nesse artigo, o autor nos sugere que o xadrez pode ter sido originariamente inventado, ou então, ser uma forma evoluída e derivada de outras práticas. Segundo Mark (2007: 150), essas possibilidades se ramificam em essencialmente quatro alternativas, formuladas por ele após um intenso trabalho de revisão de literatura. Assim, o xadrez poderia ter evoluído de um ou mais tipos de corrida, caça ou jogos de guerra; ter sido criado a partir do zero, como um jogo de guerra representando as forças do exército indiano; ter derivado de exercícios matemáticos; ser um produto de técnicas de adivinhação ou rituais.

⁷ Aqui vale citarmos o Initiativgruppe Königstein (IGK) estabelecido em Colônia, Alemanha, desde 1991. Esse grupo inicialmente composto por apenas pesquisadores alemães tem por interesse investigar a história do xadrez

investigações pertinentes às origens e manifestações históricas do enxadrismo em países de outros continentes.

Mais um aspecto a destacarmos dessa literatura científica que tratou da história primitiva do xadrez é a discrepância entre os dados apresentados nos respectivos estudos. Percebemos não haver um consenso entre os estudiosos do xadrez no sentido de precisar um lugar comum e uma data comum que retrate o ponto de início e origem da referida prática. Em 1913, por exemplo, Harold James Ruthven Murray publicou uma obra de mais de novecentas páginas intitulada “History of Chess”, a qual posteriormente se tornou uma referência bastante citada pelos pesquisadores, seja no sentido de confirmar a versão fornecida pelo autor do livro ou contradizê-la. De acordo com Murray, o xadrez tal como conhecemos foi inventado aproximadamente em 570 DC na antiga Índia. Este xadrez indiano chamava-se chaturanga e seria anterior ao xadrez persa (chatrang), ao xadrez árabe (shatranj), ao xadrez chinês (xiangqi), ao xadrez japonês (shogi), e a todas as outras tipologias. (Murray 1913) Contudo as novas descobertas arqueológicas e os trabalhos mais recentes publicados sobre a temática, acrescem outros achados a discussão e colocam em xeque as premissas de Murray.⁸

Essas tensões que rapidamente evocamos para ilustrar o estado da arte da pesquisa histórica sobre as origens do xadrez, não são deslocadas e minimizadas quando os estudiosos estendem seus olhares para os rumos tomados pelo xadrez na sociedade européia medieval ou

em termos científicos, sistematizando uma estrutura para além do senso comum e dos mitos vigentes sobre a história dessa prática. Os pesquisadores que contribuíram decisivamente para produção e divulgação dos trabalhos científicos do grupo são Yuri Averbakh, Peter Banaschak, Pavle Bidev (†), Ricardo Calvo (†), Jean-Louis Cazaux, Gianfelice Ferlito & Alessandro Sanvito, Gerhard Josten, Victor Keats, Egbert Meissenburg, Joseph Needham, Myron Samsin, Kenneth Whyld (†). Para um melhor embasamento consultar o site do grupo disponível no endereço: <<http://www.mynetcologne.de/~nc-jostenge/index.htm>>.

⁸ Os pesquisadores do grupo de Königstein, embora apresentem convicções próprias e diferentes entre si para a origem do xadrez, são unânimes ao questionarem a versão indiana fornecida por Murray (1913). O grupo rejeita exatamente a idéia de um único inventor para o jogo e procuram pensar a constituição do xadrez relacionalmente aos demais jogos similares. Yuri Averbakh (1999), por exemplo, é enfático ao propor que a história do xadrez não pode ser analisada sem o conhecimento adequado da história de outros jogos de tabuleiros. Já, Cazaux (2001) entende o xadrez como um jogo híbrido que pode ser o resultado da combinação de características greco-romanas ou indianas no ocidente com alguns elementos de jogos responsáveis pela formatação do xiangqi no oriente. Uma discussão próxima a esses autores pode ser encontrada ainda em Josten (2001).

moderna. A despeito da situação da prática enxadrística na Europa medieval, os estudos existentes apontam para um processo de difusão e expansão do xadrez de seus possíveis núcleos originários para o continente europeu.⁹ Podemos dizer que as diferentes versões históricas também identificadas nesses estudos são, em parte, conseqüências da indefinição do local e data de origem do xadrez primitivo nas pesquisas que se propuseram a estimá-lo.

Quanto às origens do xadrez moderno, as contradições apontadas na literatura parecem ser de ordem temporal e em função de uma base conceitual equivocada. No primeiro plano, podemos exemplificar com o fato de que alguns estudiosos entendem o xadrez moderno como sendo uma prática característica da segunda metade do século XV,¹⁰ enquanto outros já defendem uma cronologia mais recente e alegam que uma estrutura enxadrística tipicamente moderna começou a se alicerçar com a realização de grandes torneios internacionais, como por exemplo, o de Londres em 1851 ou então o primeiro campeonato mundial em 1886.¹¹

No plano conceitual e metodológico, notamos certa confusão se estabelecer na medida em que os estudiosos compreendem o processo de modernização da sociedade e o processo de modernização da prática enxadrística como polaridades contrastantes, o que se trata de um procedimento inadequado e que não faz avançar o conhecimento da vida social. Sendo assim, e em direção oposta aos referenciais supracitados, entendemos que a história da prática enxadrística só pode ser devidamente (re) conhecida quando relacionamos as mudanças operadas no interior do microcosmo que ela constitui com aquelas que se delineiam no

⁹ Um trabalho interessante que discute a possível rota do xadrez na Europa é o desenvolvido pelo pesquisador M. C. Romeo intitulado “The introduction of Chess into Europe” (2006).

¹⁰ CALVO (1998), além de defender o xadrez moderno como uma invenção do final do século XV, estabelece a região de Valência na Espanha como o berço das mudanças operadas na prática enxadrística, as quais, segundo seu ponto de vista, predisõem o xadrez a ser encarado como uma prática eminentemente moderna e não tão distante da estrutura do jogo que hoje conhecemos.

¹¹ Entre os defensores dessa prerrogativa, podemos citar o enxadrista Garry Kasparov com sua obra de cinco volumes intitulada “Meus grandes predecessores: uma história moderna sobre o desenvolvimento do jogo de xadrez”. No volume I (2004), especificamente, Kasparov corrobora ao afirmar que Steinitz seria o pai do xadrez moderno e o primeiro campeão mundial da história moderna do xadrez.

complexo macrocosmo social, pressuposição essa, sugerida com bastante clareza nos trabalhos empíricos de Pierre Bourdieu e Norbert Elias.

Avançando a discussão e mantendo fidelidade ao modelo bourdiano eleito, acreditamos que um tratamento adequado para entender sociologicamente a história esportiva do xadrez moderno, se constitui na medida em que formulamos algumas perguntas chaves, igualmente fizera Bourdieu ao se deparar com o fenômeno esportivo. Dessa forma, nos indagamos: Sob qual momento e circunstâncias poderíamos falar em um xadrez moderno mantendo estreitas relações com o sistema composto pelos demais esportes modernos? Quando foi que o sistema de agentes e instituições responsáveis pelo xadrez passou a fazer parte do campo esportivo e concorrer com os demais esportes? Como funciona esse sub-espaço fundamentado por uma história que lhe é peculiar no interior do campo esportivo?

A impressão que nos causa é que essas perguntas se tratam de um ineditismo em termos dos estudos até então desenvolvidos sobre o enxadrismo. Sendo assim, nossa responsabilidade aumenta ao ensaiarmos uma resposta para essas questões, e de antemão advertimos que o que em seguida for dito se trata de conjecturas que estruturam aquele quadro provisório mencionado por Bourdieu em “Programa para uma Sociologia do Esporte”. De acordo com o sociólogo, esse quadro teria por função nortear o pesquisador em sua empreitada e conduzi-lo rumo à construção adequada dos objetos pertinentes a pesquisa empírica. Além disso, “por mais imperfeito que seja esse quadro provisório, sabe-se ao menos que ele deve ser preenchido, e que os próprios trabalhos empíricos que ele orienta contribuirão para preenchê-lo”. (Bourdieu 1990: 211).

Dado o peso das devidas contribuições teóricas e a natureza dos campeonatos mundiais de xadrez como um importante parâmetro norteador da história dessa prática no campo esportivo, foi possível nos atentarmos para a articulação desses eventos com a ordem mais ampla de transformações sociais engendradas na sociedade, seja na esfera econômica,

política ou cultural. Assim e amparados nessa perspectiva, pudemos visualizar com certa convicção o ponto identificador de uma estrutura organizacional enxadrística similar àquela estrutura responsável pelo gerenciamento das práticas esportivas que já ganhavam espaço na sociedade. Esse ponto de interseção determinado temporalmente para os fins desta análise, foi contemplado na perspectiva do primeiro campeonato mundial de xadrez realizado em 1886, quando então Wilhelm Steinitz e Johannes Zukertort disputaram o título mundial, tendo Steinitz – o pai do xadrez moderno – sido agraciado como vencedor.¹²

Ao sistematizarmos uma cronologia fundada nas competições mundiais enxadrísticas oficializadas, pudemos notar que entre 1886 e 1946 a história do xadrez profissional se definiu em torno dos campeonatos mundiais pré-FIDE. Nesse propósito, é importante ressalvamos que a FIDE – Fédération International Des Échecs – embora tenha sido fundada em 1924, só passou a organizar os confrontos em 1948 quando a União Soviética, que se beneficiava com a balança de poder inclinada a seu favor, resolveu apoiar integralmente a federação.¹³ Convém frisarmos ainda, que durante esse período de sessenta anos a grande configuração social fôra marcada por duas guerras mundiais e por uma crise econômica que emergiu no intervalo delas. Nesse contexto, se estruturou um importante movimento de propagação do xadrez de alto nível, posto que os grandes jogadores nessas épocas de guerra se forçaram a deixar suas nações e migrar para outros países, especialmente a União Soviética e os Estados Unidos. (Jonhson 2005).

De 1948 a 1993, por sua vez, percebemos se constituir a fase dos chamados campeonatos mundiais da era FIDE. Este momento foi marcado principalmente pela formalização dos campeonatos mundiais, o que nas fases anteriores fora negligenciado. Já em 1993, surgiu uma outra instituição mantenedora do xadrez, a Professional Chess Association

¹² Informações disponíveis no site <<http://www.chessbase.com/newsdetail.asp?newsid=4119>> acesso em 04 de agosto de 2008. Ver ainda: KASPAROV, 2004.

¹³ Informações disponíveis no site <<http://www.fide.com/fide/fide-history>> acesso em 15 de maio de 2008.

(PCA), fundada pelo soviético Garry Kasparov e pelo inglês Nigel Short em protesto a suposta falta de profissionalismo da FIDE. Nesse mesmo ano, ambos disputaram o título mundial sob a regência e proteção da PCA. Na oportunidade, Kasparov venceu a Short com cinco pontos de vantagem.¹⁴ A divisão entre FIDE e PCA se manteve até 2006, quando o título de campeão mundial de xadrez foi reunificado no encontro entre o búlgaro Veselin Topalov e o russo Vladimir Kramnik¹⁵, tendo esse último se afirmado como campeão.

Feitas essas considerações, nossa hipótese é que o período rapidamente evocado entre 1886 até a atualidade constitui a história do xadrez como uma prática participante do campo esportivo, sendo que só poderíamos falar em cristalização do xadrez no interior do referido campo a partir de 1970. Por sua vez, isso não significa que estamos a negligenciar ou descartar os contornos assumidos pela prática enxadrística no período que antecede a 1886. Entretanto, acreditamos que até essa data os usos sociais imprimidos por usuários dominantes ao xadrez, caracterizavam essa prática muito mais como ciência e arte do que como esporte propriamente dito. Inclusive, não temos muita certeza se já poderíamos falar em um campo esportivo antes da reinvenção moderna dos jogos olímpicos em 1896. Portanto, e respaldados na matriz sociológica elisiana, entendemos que o espaço conquistado pelo xadrez no campo esportivo é fruto de um processo em andamento, fundamentado numa perspectiva de longo prazo e que não possui um caráter planejado.

Sem perdermos de vista a noção elisiana de processos sociais e a própria ressalva bourdiana de que para entendermos a estrutura de determinado campo (incluindo aí os subcampos) devemos conhecer os antecedentes históricos do mesmo, o que nos interessa neste momento é compreender sociologicamente os contornos temporários assumidos pela modalidade de xadrez no contexto do “*match* do século” em 1972, sendo reservada para este

¹⁴ Maiores informações disponíveis no site <<http://www.chessgames.com/perl/chess.pl?tid=55309>> acesso em 17 de junho de 2008.

¹⁵ Informações disponíveis no site <<http://espn.deportes.espn.go.com/news/story?id=409257>> acesso em 04 de agosto de 2008.

artigo a possibilidade de revelarmos algumas dimensões da oferta enxadrística potencializadas pela penetração da lógica mercantil no interior do referido sub-campo esportivo.

Alguns contornos mercantis da oferta enxadrística em 1972

Durante o período de 11 de julho a 1º de setembro de 1972 foi protagonizada uma das mais emocionantes finais de campeonato mundial de xadrez. Nesta ocasião, e sobre o palco da Guerra Fria, se puseram diante do tabuleiro dois enxadristas que contracenaram, num universo menor, o embate construído entre soviéticos e norte-americanos. De um lado e representando a União Soviética, se situava então Boris Vasilievich Spassky – detentor do último título mundial disputado em 1969. De outro e defendendo a bandeira dos Estados Unidos, Robert James Fischer – desafiante do *match*.

Após derrotar respectivamente no torneio de candidatas, o soviético e pianista Mark Taimanov por 6-0, o dinamarquês Bent Larsen por 6-0 e Tigran Petrosian, que por sinal também era soviético (armênio), por 6,5-2,5, Fischer ganhou o direito de disputar a grande final contra Spassky. (Lima 2002a). A disputa ocorreu na cidade de Reykjavik, capital da Islândia e durou aproximadamente dois meses. Para manter o título mundial e acumular a segunda conquista Spassky precisava somar 12 pontos na série de 24 partidas. Por sua vez, Fischer para se consagrar campeão necessitava fazer 12,5 pontos, ou seja, ganhar doze partidas e empatar uma décima terceira. O confronto terminou com a vitória do norte-americano por 12,5-8,5 colocando fim a uma hegemonia soviética de 24 anos.¹⁶ A série de 21 partidas realizadas entre os dois jogadores em 1972 pela disputa do título mundial foi divulgada e ficou conhecida como o “*match* do século”.

¹⁶ As três vidas de Bobby Fischer. *Época*, Rio de Janeiro, n. 505, 19 jan. 2008. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG81205-9293-505,00AS+TRES+VIDAS+DE+BOBBY+FISCHER.html>> acesso em 11 de maio de 2008.

Ao pensarmos a oferta da modalidade de xadrez potencializada no interior do campo esportivo por ocasião da final do campeonato de 1972, é importante recorrermos a noção de campo jornalístico explicitada no corpo da obra de Pierre Bourdieu. E isso porque a oferta da modalidade não se estruturou simplesmente pelos serviços prestados por aqueles que concorriam para o bom transcurso e encenação do referido confronto, mas graças à ação de produtores culturais oriundos do campo jornalístico, os quais corroboraram para que o evento e os atletas nele envolvido fossem expostos à “lei da vitrine”.

Com relação ao campo jornalístico, é importante lembrarmos que ele foi delimitado sistematicamente por Bourdieu como um objeto de análise sociológica no livro “Sobre a Televisão”(1997). Neste trabalho, o sociólogo dirige seu foco para os meios de comunicação, em especial, a imprensa escrita e televisionada. Conforme o autor, o campo jornalístico é caracterizado pela extrema dependência que possui das forças externas do mercado ou então de outros campos. Mais um aspecto a ser considerado é a capacidade de o campo jornalístico gerar conseqüências nesses mesmos campos que depende, “(...) afetando o que aí se faz e o que aí se produz e exercendo efeitos muito semelhantes nesses universos fenomenicamente muito diferentes”. (Bourdieu 1997: 101)

Quanto à “lei da vitrine” a que a modalidade de xadrez foi submetida em 1972, temos a dizer que isso se trata de um procedimento típico da sociedade de estruturação mercantil, a qual já começara a ganhar força e consistência nesse período. Por sua vez, essa “lei da vitrine” pode ser definida a partir de um raciocínio simplista de que para se vender um produto é necessário torná-lo visto e apreciado pelos potenciais consumidores. Assim, não é de estranharmos que a oferta de determinados esportes e produtos esportivos seja regida pelas estratégias de espetacularização que a partir de 1970 vem se introduzindo de uma forma mais incisiva na sociedade capitalista.

Mas antes de nos concentrarmos especificamente as proporções mercantis da oferta enxadrística em 1972, a qual, segundo nosso ângulo de análise, é favorecida pela aproximação suscitada entre agentes e instituições do sub-espço do xadrez e do espaço da produção jornalística, convém mencionarmos o impacto da final do campeonato de 1972 para se rever e, de certa forma, abalar a lógica de ortodoxia presente no sub-campo do xadrez. Notemos, nesse sentido, que desde 1948, quando a FIDE passou a organizar o calendário enxadrístico, a União Soviética mantinha sob sua hegemonia os títulos mundiais totalizando uma seqüência de nove conquistas consecutivas, a qual fora quebrada pelo enxadrista norte-americano Bobby Fischer em 1972.

Na verdade, essa monopolização soviética no sub-campo enxadrístico, já vinha sendo questionada pelos norte-americanos desde quando Fischer disputou sem muito êxito seus primeiros torneios de candidatos ao título mundial, respectivamente, em 1959 na Iugoslávia e 1962 em Curaçao. (Mecking 1973: 152). Segundo alegou Fischer, o formato do torneio de candidatos onde todos os jogadores se enfrentavam contra todos favorecia a União Soviética, ao passo que seus representantes empatavam sem muitos rodeios entre si e jogavam até o último peão contra os demais enxadristas, especialmente quando se tratava de um norte-americano. (Bjelica 1972: 70-71).

Assim em 1962 durante um congresso institucional realizado na cidade de Estocolmo, a FIDE pressionada pela federação de xadrez estadunidense e incomodada com as queixas públicas de Fischer, alterou o formato do torneio de candidatos para *matches* individuais (Mecking 1973: 152), o que demonstra a estrutura do campo sendo alterada e conformada em função das disposições dos agentes. É importante alertarmos, que para estrutura de um campo ser modificada de acordo com os interesses de determinados agentes, esses devem estar se beneficiando de uma maneira privilegiada dos capitais em jogo, o que, de certo modo, indica a balança do poder ligeiramente inclinada em suas direções.

Mais um ponto a ser discutido, é que a ameaça apresentada pela estrutura enxadrística norte-americana à hegemonia soviética estabelecida no sub-campo do xadrez, pode ser considerada como um estímulo que atraiu a atenção da mídia para a decisão do campeonato mundial de 1972. Ressalvamos, contudo, que a motivação da mídia internacional em transmitir e noticiar o *match* Fischer-Spassky, não pode ser devidamente reconhecida se não tivermos em mente o fato de Estados Unidos e União Soviética estarem travando, desde o final da Segunda Guerra, uma batalha em palcos alternativos e sob o jargão do que conhecemos por Guerra Fria. Inclusive, foi por via da possibilidade de associação entre o *match* e a guerra, que se fundamentou um corpo de informações de bastante lucratividade no campo jornalístico, cujos agentes e instituições mantenedoras venderam ao público, por intermédio de seus serviços, a decisão de 1972 enquanto um simulacro desse conflito.¹⁷

Complementando o raciocínio, é de singular importância notarmos que de 1951 até 1969 as finais dos campeonatos mundiais de xadrez só haviam sido disputadas entre jogadores soviéticos, o que mais uma vez nos remete a ortodoxia imanente ao sub-campo e, de uma forma mais específica, a ausência do elemento da excitação nas referidas decisões. Como nos alerta Elias & Dunning, quanto mais previsível o resultado de um confronto, mais tedioso ele se demonstra e mais comprometido se torna o fator surpresa, sem o qual a carga de excitação consideravelmente diminui. (Elias & Dunning 1992: 134).

Dessa maneira, podemos inferir que tanto a ortodoxia presente no sub-campo enxadrístico como também a carência do componente emoção nessas repetitivas finais soviéticas, dificultavam a adequação do enxadrismo ao mercado de venda de bens e serviços

¹⁷ Em trabalho anterior, pudemos verificar alguns dos usos imagéticos feitos pela mídia impressa norte-americana no sentido de ofertar ao público a final do campeonato mundial de 1972 como um simulacro da Guerra Fria. Para tanto nos valem de uma análise das capas de três importantes revistas norte-americanas, Life, Newsweek e Time, publicadas nesse contexto. Na revista Time, esse uso estava mais explícito, na medida em que se percebe que Boris Spassky foi ilustrado na cor preta e com uma expressão carrancuda, enquanto Fischer representava uma peça de xadrez branca e com uma feição intelectual. A referida cena vinha acompanhada da seguinte mensagem: “A grande batalha de xadrez: Cavaleiro errante v. Rei”. (Souza & Starepravo 2008: p. 153). Ver também a reportagem: O herói (e o pária) do xadrez. *Veja*, São Paulo, p. 69, 23 jan. 2008.

de entretenimento – um setor em franca e progressiva expansão na sociedade pós-Segunda Guerra. E isso, primeiro, pelo simples fato de que a organização do sub-campo enxadrístico em termos ortodoxos, possivelmente não confluía aos interesses das instituições midiáticas responsáveis pela exposição dos produtos na vitrine social; e segundo, porque os meios de comunicação com o passar do tempo e com o reforço da concorrência no interior do espaço que eles próprios constituíam, se orientavam cada vez mais pelos índices de consumo e, por isso, procuravam se inserir em eventos que pudessem suprir adequadamente as necessidades psicossociais dos consumidores.

Portanto, a lucratividade gerada pela prestação de serviços em torno daqueles eventos aptos a satisfazerem as demandas sociais, pode ser considerada uma explicação plausível para compreendermos a freqüência com que a mídia se insere nos torneios, campeonatos e competições afins do campo esportivo. Além disso, a venda de um produto parece ser proporcional ao prazer ou qualquer outra necessidade suscitada nos consumidores, o que nos leva supor que muito dificilmente as instituições midiáticas e os patrocinadores, investirão em acontecimentos de natureza monótona, tediosa e que provocam pouca emoção no público.

Em 1972 a estrutura do sub-campo do xadrez já não era tão ortodoxa e tediosa quanto antes. Além disso, esse espaço se demonstrava mais aberto à introdução de relações mercantis e mais exposto à lógica da oferta e da procura esportiva. Na tentativa de explicarmos essa maior flexibilidade do sub-campo em análise, é claro que devemos recorrer ao modelo de sociedade vigente e considerar o xadrez como um espaço que progressivamente veio se tornando sensível às forças do mercantilismo. Contudo, não podemos perder de vista as propriedades intrínsecas da inédita final estabelecida no sub-campo, as quais contribuíram decisivamente para que o xadrez se tornasse, ainda que não em definitivo, um espaço fértil para se investir interesses das mais diversas ordens, sejam aqueles defendidos pelos jornalistas, publicitários, patrocinadores, grupos políticos etc.

Some-se ainda, o fato de que a *mimesis* proporcionada pelo jogo competitivo parecia rondar de uma forma muito específica àquela conjuntura em torno da final de 1972. E isso, porque a composição de forças estabelecidas, opondo Estados Unidos e União Soviética frente ao tabuleiro de xadrez, remetia os consumidores a contemplar uma situação de guerra disputadas sem os perigos físicos decorrente de uma batalha real. Dessa forma, o *match* Fischer-Spassky pode ser considerado um confronto mimético, isto é, uma disputa realizada por meio do jogo “(...) num contexto que pode originar uma excitação agradável, desencadeada pelo combate, com o mínimo de ferimentos nos seres humanos” (Elias & Dunning 1992: 95); uma disputa, enfim, revestida de toda uma indumentária simbólica e que possivelmente gerou nos consumidores uma carga de excitação fornecida pelo quadro imaginário de uma guerra entre dois extremos, a qual não se realizou em campos de batalha real, mas em palcos alternativos.

Quanto à inserção da lógica mercantil no interior do sub-campo em análise, um breve exemplo que ilustra nitidamente o quão sensível o xadrez se tornara às forças sociais externas, pode ser apreciado em janeiro de 1972, quando então se iniciou a corrida para se escolher o país que iria sediar o confronto entre o soviético e o norte-americano. O enxadrista Pablo Morán é bastante sintético ao comentar esse episódio:

Enquanto ambos contendentes afiavam as armas, uma grande batalha estava acontecendo para organizar o encontro, e numerosas cidades disputavam a honra oferecendo quantias fabulosas e nunca conhecidas no xadrez. Vejamos as mais importantes: Belgrado, 152.000 dólares; Argentina, 150.000; Islândia, 125.000; Sarajevo, 120.000; Bled, 100.000; Chicago, 100.000; Alemanha, 92.000; Brasil, 80.000; Montreal, 75.000; Zagreb, 70.000; Suíça, 60.000; Grécia, 52.000; França, 50.000 e 5% dos ingressos; Colômbia, 40.000. (Morán 1972: 78).

Obviamente, além dos critérios financeiros outros fatores, como por exemplo, os interesses e as preferências dos dois finalistas e de suas respectivas federações, também foram levados em conta ao se definir qual país organizaria o confronto. Deste modo, no dia 20 de março de 1972 foi formalizado em Moscou um acordo entre as federações soviética, norte-

americana, iugoslava, islandesa e a FIDE, estabelecendo que o *match* Spassky-Fischer teria duas sedes: Belgrado na Iugoslávia privilegiando a vontade norte-americana e Reykjavik na Islândia atendendo as reivindicações soviéticas. (Boletín islandês del match 1972: 64). Entretanto, alguns dias depois Fischer redigiu uma carta formal aos organizadores de Belgrado, exigindo que uma cota dos direitos de televisão e ingressos fosse repassada a ele e Spassky, o que posteriormente foi negado pela federação iugoslava. (Lima 2002a). Então se desencadeou um novo trâmite, onde Belgrado recusou definitivamente sediar a primeira parte do evento e Reykjavik assumiu a função de organizar o confronto por completo. (Boletín islandês del match 1972: 65).

Sobre as apropriações midiáticas organizadas em torno da final entre Fischer e Spassky em 1972, temos a dizer que a lógica de transmissão conferida ao evento também refletiu a predominância de relações mercantis tanto no interior do sub-campo enxadrístico quanto no espaço de produção jornalística. Contudo, é interessante ressaltarmos que a excessiva reprodução do evento em imagens e notícias não deve ser explicada apenas na perspectiva de infiltração dos jornalistas no universo enxadrístico. Pelo contrário, a articulação entre o sub-campo do xadrez e o campo jornalístico se caracterizou como uma entrada de via dupla, o que nos sugere, de uma forma mais ampla, que não somente a mídia recorre ao setor esportivo visando lucros, mas os agentes esportivos em tão presente forma se usufruem do espaço da mídia com intuito de divulgar suas práticas, tornar prestigiados seus serviços e, acima de tudo, se beneficiar dessas fatias lucrativas emergentes no mercado capitalista.

No caso do xadrez em 1972, esses pressupostos se demonstraram perfeitamente aplicáveis, tendo em vista que uma das restrições apresentadas por Edmund B. Edmondson – diretor executivo da federação norte-americana de xadrez e defensor dos interesses de Fischer no acordo de Moscou – era que a realização do *match* na Islândia comprometeria a geração de

imagens no evento dada à baixa qualidade das transmissões televisivas daquele país. (Lima 2002b) Convém reiterarmos ainda, que para jogar o *match*, Fischer havia requisitado o pagamento de uma fração dos lucros obtidos com a transmissão televisiva. Além disso, uma outra exigência era que as partidas fossem transmitidas ao vivo para os Estados Unidos, que queria ver pela primeira vez um representante seu jogando pelo título. (Lima 2002b)

Uma dimensão mais exata da introjeção desses contornos mercantis, inerentes ao raio de ação midiática no interior do sub-campo estudado, pode ser contemplada na fala do enxadrista Pablo Morán:

Com uma expectativa sem precedentes começou a primeira partida. Todas as entradas estavam vendidas e um tabuleiro de 7x7 permitia a todos os espectadores ver as jogadas comodamente, enquanto que um circuito fechado de televisão repartia a imagem a outras salas, e os câmeras enviavam as jogadas a todos os lugares do mundo.

Uma empresa norte-americana tinha os direitos de fotografias e televisão, e pela imagem da primeira jogada se pagaram 10.000 dólares. Fischer chega ao cenário de jogo com sete minutos de atraso, saúda seu rival e começa-se a partida. (Morán 1972: 79).

O ex-campeão mundial de xadrez Garry Kasparov, também avalia a cobertura midiática que fora dado à decisão entre o soviético e o norte-americano em 1972. De acordo com o enxadrista: “(...) a cobertura da imprensa foi incrível. As partidas eram exibidas ao vivo para o mundo. Eu tinha nove anos e já era um forte jogador de clube quando o *match* Fischer - Spassky aconteceu, e eu acompanhei os jogos avidamente”. (Kasparov 2004 a: 10).

Já no Brasil, esse balanço sobre a atuação da imprensa no “*match* do século” ficou por conta do enxadrista Henrique da Costa Mecking, o Mequinho. Nessa época, ele já se projetava como prodígio do xadrez nacional, sendo inclusive uma das personalidades que figuravam no campo esportivo brasileiro. Vejamos qual foram suas impressões sobre a inserção midiática no evento:

A importância do acontecimento obrigou a imprensa a realizar um esforço informativo sem precedentes. O grande público queria uma informação completa e havia de transmiti-la de qualquer maneira. O encontro Fischer-Spassky foi acompanhado por centenas de milhões de pessoas diariamente em todo o mundo. (Mecking 1973: 14).

Ambas as falas selecionadas evidenciam em específico, o impacto da ação midiática que fora exercida sobre a decisão do mundial de xadrez de 1972. O comentário de Morán, além de nos chamar a atenção para estrutura digna de espetáculo que foi preparada para o evento, também nos leva a entrever o caráter mercantil da relação momentaneamente viabilizada entre os agentes e instituições representantes do sub-espço do xadrez e do espaço da produção midiática. Já Kasparov, em seu discurso, enfatiza aquela que certamente foi a fase telespetacular da modalidade de xadrez, com transmissões ao vivo das partidas pelos canais abertos de televisão. Na fala de Mequinho, conseqüentemente, fica nítido seu esforço em tentar estabelecer uma correspondência entre a estrutura do *match* e a atuação da imprensa. É possível notarmos que seu raciocínio se organizava no sentido de afirmar que os serviços prestados pelos meios de comunicação se ajustavam proporcionalmente à grandiosidade do *match* Spassky-Fischer.

Enfim, cada uma desses trechos supracitados contém uma determinada visão de mundo que reflete a posição privilegiada de seus locutores no interior do sub-campo enxadrístico. Em outras palavras, os três porta-vozes que evocamos se tratavam de agentes dotados de um *habitus* formado no interior desse sub-espço, o que, de certa forma, lhes confere um discurso de autoridade. Além disso, essas impressões pessoais, pelo que pudemos notar, convergem entre si no sentido de evidenciar as proporções mercantis e também midiáticas da oferta enxadrística em 1972, o que por conseqüência lhes predispõe como importantes fontes avaliativas dos processos que definiriam a história do xadrez e seus rumos de cristalização no interior do campo esportivo.

Considerações finais

Nosso intuito nesse texto foi um pouco além do que inicialmente imaginávamos. Na introdução indicamos, ainda que brevemente, a importância dos campeonatos mundiais para

se balizar uma abordagem sociológica da história das modalidades esportivas em nossa sociedade. Em seguida, apresentamos alguns apontamentos sobre a história da prática enxadrística, que como vimos só pode ser examinada declaradamente em termos esportivos a partir do final do século XIX. Por fim, composto esse cenário preliminar, procuramos analisar alguns contornos mercantis da oferta do xadrez – esse sub-campo esportivo em evidente processo de cristalização a partir de 1970 – na perspectiva da conjuntura histórico-social definida em torno do “*match* do século” em 1972.

Certamente todas essas frentes abertas não foram esgotadas nesse artigo, e nem era nossa intenção. Além disso, uma análise mais acurada de cada uma dessas temáticas que aqui procuramos trabalhar relacionadamente careceria mais tempo e no mínimo umas incontáveis páginas de texto. Contudo as devidas contribuições devem ser pesadas.

Acreditamos ter dado algumas indicações suficientemente demonstrativas do quão imbricados estão os eventos esportivos com a estrutura social que lhes suporta. Esse tópico foi ilustrado na última parte da discussão, especialmente quando inferimos que os contornos mercantis da oferta enxadrística em 1972 foram corroborados pela penetração de uma lógica mercantil tanto no universo esportivo quanto no jornalístico. Uma outra possibilidade de articulação micro-macro que procuramos demonstrar foi estabelecida na medida em que percebemos que não poderíamos compreender, por exemplo, as dimensões miméticas do confronto Fischer-Spassky frente ao tabuleiro de xadrez sem estabelecer relação com o embate União Soviética *versus* Estados Unidos frente ao grande tabuleiro social.

Quanto à lógica da oferta enxadrística exteriorizada no campo, temos que ressaltar que aqui tratamos daquela de sentido mais amplo, ou seja, a que se viabilizou através dos meios de comunicação de massa e atingiu a uma população não necessariamente circunscrita ao âmbito do xadrez. Essa oferta, em suma, esteve relacionada à transmissão do “*match* do século” na TV e a reprodução do evento em notícias e imagens no jornalismo impresso. Por

sua vez, a oferta mais restrita não foi mencionada explicitamente, e como o próprio nome sugere, se caracterizou e se caracteriza pela prestação de serviços exclusivos aos agentes do sub-campo enxadrístico, através da produção de uma literatura especializada sobre o “*match* do século” ou então de um rico material de estudos fundamentados nas partidas entre Fischer e Spassky, dentre outras possibilidades.

Sobre a leitura sociológica da história da prática enxadrística, temos a considerar que essa iniciativa não se trata de uma construção arbitrária idealizada sem o devido respaldo teórico. Como foi possível entrevermos na segunda parte do artigo, essa indissociabilidade entre a sociologia e a história foi um dos crivos norteadores da produção teórica tanto de Pierre Bourdieu quanto Norbert Elias, devendo ser ponderado, em medidas recalcadas, as peculiaridades que o conhecimento histórico assume na obra de cada um dos autores. Apenas para elucidar esse pressuposto, podemos tomar por emprestada a afirmação categórica de Bourdieu e Wacqüant de que toda sociologia seria histórica e toda a história sociológica. (Bourdieu & Wacqüant 1992.)

A guisa de fechamento, é importante frisarmos que os materiais empíricos que aludem ao processo de oferta do xadrez no campo esportivo em 1972 não foram explorados em sua totalidade aqui, sendo reservados para que haja em oportunidades futuras um maior aprofundamento em seus conteúdos. Queremos confessar ainda, nosso anseio em resgatar a modalidade de xadrez enquanto escopo de reflexão, uma prática boa não somente para pensar durante o momento do jogo, mas também para se pensar e se refletir histórica e sociologicamente.

Referências

- As três vidas de Bobby Fischer. *Época*, Rio de Janeiro, n. 505, 19 jan. 2008. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG81205-9293-505,00-AS+TRES+VIDAS+DE+BOBBY+FISCHER.html>> acesso em 11 de maio de 2008.
- AVERBAKH, Y. 1999. *To the Question of the Origin of Chess*. Disponível em: <<http://www.netcologne.de/~nc-jostenge/averba.htm>> acesso em 29 de novembro de 2008.
- BJELICA, D. 1992. *Reyes del ajedrez – Bobby Fischer*. Madrid: Zugarto Ediciones.
- BOLETÍN ISLANDÉS DEL MATCH. 1972. ...Y ahora “Bobby Fischer Campeón del mundo. Edición especial de la Revista Jaque, 11 de julio al 1 de septiembre de 1972. Reykiavik, Islândia.
- BOURDIEU, P. 1983. Como é possível ser esportivo? In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, pp. 136-153.
- BOURDIEU, P. 1990. Programa para uma Sociologia do Esporte. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, pp. 207-220.
- BOURDIEU, P. 1997. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. 1992. *An invitation to reflexive sociology*. Chicago: The University of Chicago Press.
- CALVO, R. 1998. Valencia Spain: The Cradle of European Chess. In: CCI Conference. *Review of the Conference*, May, Vienna/ Austria.
- CAZAUX, J-L. 2001. Is Chess a Hybrid Game? *Initiativgruppe Königstein VI Symposium, Review of the Conference*, Amsterdam.
- CHARTIER, R. 2002. Bourdieu e a História – Debate com José Sérgio Leite Lopez, *Topoi*, mar., pp. 139-182.
- ELIAS N. 1994a. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ELIAS, N. 1994b. *O processo civilizador – formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ELIAS, N. & DUNNING, E. 1992. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- GEBARA, A. 1995. “Esportes: Cem anos de História”. In: III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. *Coletânea*, v. 1, pp. 126-133, Curitiba.
- GEBARA, A. 2006. *Conversas sobre Norbert Elias: Depoimentos para história do pensamento sociológico*. 2. ed. Piracicaba/SP: Biscalchin Editor.
- JOHNSON, D. 2005. Xadrez da Guerra Fria – *Revista Propects*, 01/07/2005. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/prospect/2005/07/01/ult2678u22.jhtm>> acesso em 31 de maio de 2008.
- JOSTEN, G. 2001. Chess – a living fossil. *Initiativgruppe Königstein VI Symposium, Review of the Conference*, Amsterdam.
- KASPAROV, G. 2004. *Meus grandes predecessores 1: Uma história moderna sobre o desenvolvimento do jogo de xadrez*. Tradução de Giovanni P. Vescovi. 1. ed. Santana de Parnaíba/SP: Editora Solis.
- KASPAROV, G. 2006. *Meus grandes predecessores 4: Uma história moderna sobre o desenvolvimento do jogo de xadrez*. Tradução de Giovanni P. Vescovi. 1. ed. Santana de Parnaíba/SP: Editora Solis.
- KASPAROV, G. 2004. Fischer’s Price. *The Wall Street Journal*, New York, 19 jun. p. a10. Disponível em <http://www.bobby-fischer.net/game_of_life.htm> acesso em 17 de maio de 2008.
- LIMA, R. 2002a. “Quando éramos reis, bispos, cavalos...” *Digestivo cultural*, 09 abr. Disponível em <<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=493>> acesso em 05 de junho de 2008.

- LIMA, R. 2002b. “Ar do palco ou xadrez nos tempos da Guerra Fria” *Digestivo cultural*, 16 abr. Disponível em <<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=493>> acesso em 05 de junho de 2008
- MARCHI JÚNIOR, W. 2006. Como é possível ser esportivo e sociológico? In: GEBARA, A. & PILATTI, L. A. (orgs.). *Ensaio sobre história e sociologia nos esportes*. Jundiaí: Fontoura, pp. 159-195.
- MARK, M. 2007. The beginning of chess. *Ancient Board Games in Perspective*, London, British Museum Press, pp. 138-157, April.
- MECKING, H. C. 1973. *O encontro do século – Fischer x Spassky*. APEC, Visão.
- MORÁN, P. 1972. “Bobby” *Fischer: su vida y partidas*. Barcelona: Ediciones Martinez Roca.
- MURRAY, H. J. R. 1913. *A History of Chess*. Oxford.
- O herói (e o pária) do xadrez. *Veja*, São Paulo, p. 69, 23 jan. 2008.
- ROMEO, M. C. 2006. *The introduction of Chess into Europe*. Merida Conference of March. May. Disponível em <<http://www.goddesschess.com/chessays/chessaystoc.html>> acesso em 28 de dezembro de 2008.
- SOUZA, J & STAREFRARO, F. A. (2008) A divulgação da imagem de Bobby Fischer e o aumento do consumo e da prática de xadrez: Algumas aproximações preliminares. In: IV Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte. *Coletânea*, pp. 147-156, Faxinal do Céu. Site <<http://www.chessbase.com/newsdetail.asp?newsid=4119>> acesso em 04 de agosto de 2008.
- Site <<http://www.chessgames.com/perl/chess.pl?tid=55309>> acesso em 17 de junho de 2008.
- Site <<http://espndeportes.espn.go.com/news/story?id=409257>> acesso em 04 de agosto de 2008.
- Site <<http://www.fide.com/fide/fide-history>> acesso em 15 de maio de 2008.
- Site <<http://www.mynetcologne.de/~nc-jostenge/index.htm>> acesso em 08 de dezembro de 2008.
- WESTERVELD, G. 1994. Historia de la nueva dama poderosa en el juego de ajedrez y damas. *Homo Ludens*, Der Spielende Mensch XV, Salzburg, pp. 103-120.

Correspondência:
Juliano de Souza
Rua José Zagonel Passos, 460
Vila Bela, Guarapuava, Paraná
CEP- 85027-110
E-mail: julianoedf@yahoo.com.br

Juliano de Souza
Aluno do programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação Física da UFPR
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS)
Universidade Federal do Paraná – Curitiba – Brasil
julianoedf@yahoo.com.br

Fernando Augusto Starepravo
Mestre em Educação Física

Aluno do programa de Pós-Graduação (Doutorado) em Educação Física da UFPR
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS)
Universidade Federal do Paraná – Curitiba – Brasil
fernando_edf@yahoo.com.br

Wanderley Marchi Júnior
Doutor em Educação Física
Coordenador do Centro de Pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS)
Docente dos programas de Pós-Graduação em Educação Física e Sociologia da Universidade
Federal do Paraná – Curitiba – Brasil
marchijr@ufpr.br